

Análise do perfil do visitante do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG)

Simone Fernandes Machado*

Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil)

Heros Augusto Santos Lobo**

Universidade Federal de São Carlos (Brasil)

Sandra Maria Antunes Nogueira* Ricardo E. Fonseca Filho******

Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil)

Resumo: O Parque Natural Municipal das Andorinhas (PNMA) é uma Unidade de Conservação (UC) em Ouro Preto (MG), que atrai visitantes para atrativos naturais como cachoeiras e trilhas. Com vistas à melhor conservação e gestão do parque, buscou-se no presente trabalho conhecer melhor este visitante. A metodologia compreendeu etapas: de escritório (levantamento bibliográfico e pesquisa documental; elaboração de instrumento de coleta de dados; tabulação, análise e discussão dos resultados); e de campo (entrevista a 126 visitantes da UC). Os resultados apontam que os visitantes são, em sua maioria: regionais, jovens, tem alta escolaridade, são motivados por atrativos naturais (em especial cachoeiras), avaliando positivamente no geral e negativamente em relação à sinalização e à segurança. Espera-se que os dados sirvam para a revisão do Plano de Manejo e gestão da UC compatibilizando os impactos socioambientais e a manutenção econômica do Parque.

Palavras-chave: Sustentabilidade ambiental; Comportamento do turista; Segmentação da demanda turística; Visitação.

Analysis of the profile of the visitor of the Parque Natural Municipal das Andorinhas (Brazil)

Abstract: El Parque Natural Municipal de Andorinhas (PNMA) is a protected area (PA) in Ouro Preto (Brazil), which attracts visitors to natural attractions such as waterfalls and trails. With a view to better conservation and management of the park, the present work sought to provide greater information with respect to visitor profiles. The methodology comprised stages: office (bibliographic survey and documental research; elaboration of a data collection instrument; tabulation, analysis and discussion of results); and field (interview with 126 PA visitors). The results show that the majority of visitors are: regional, young, highly educated, motivated by natural attractions (especially waterfalls), assessing positively in general and negatively in relation to signage and safety. It is expected that the data will serve to review the Management Plan and management of the PA, matching the positive socio-environmental aspects with the economic maintenance of the Park.

Keywords: Environmental sustainability; Tourist behavior; Segmentation of tourist demand; Visitation.

* Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil); Email: sissamachadofernan@gmail.com

** Universidade Federal de São Carlos (Brasil); Email: heroslobo@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0001-6994-0138>

*** Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil); Email: sandra.nogueira@ufop.edu.br

**** Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil); Email: ricardo.fonseca@ufop.edu.br; <https://orcid.org/0000-0001-5804-9120>

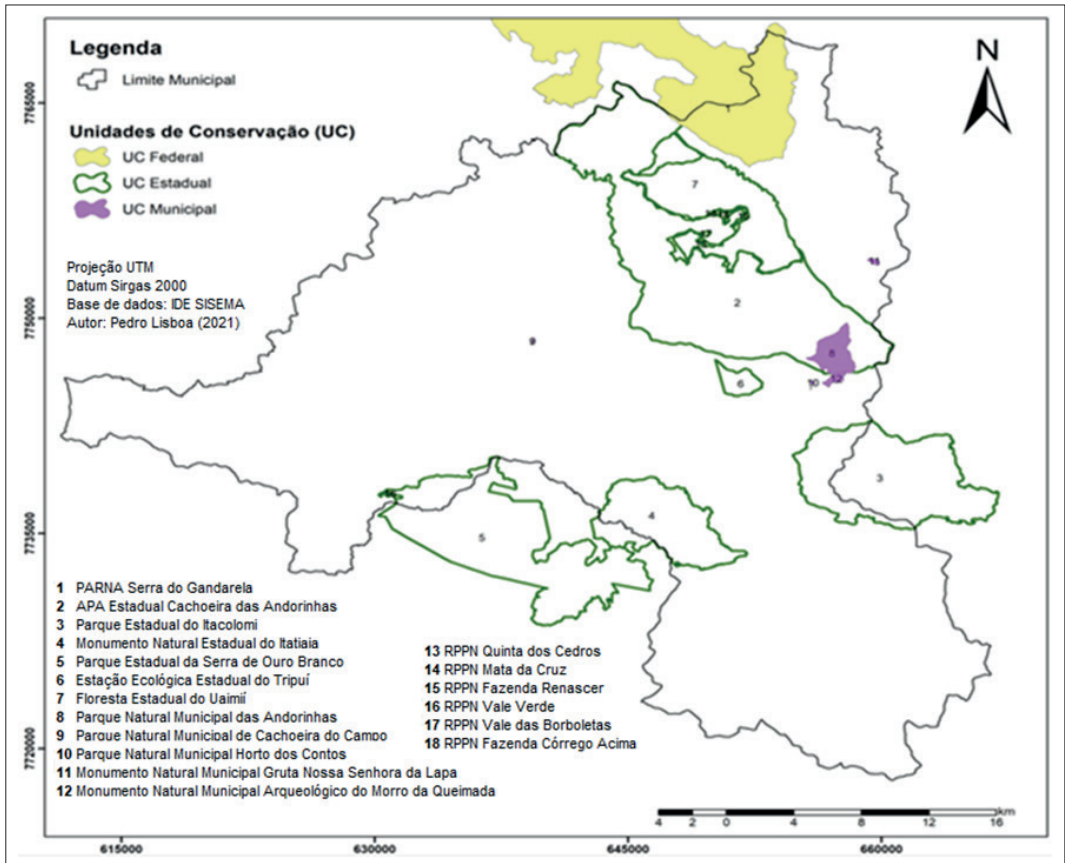
Cite: Machado, S. F.; Lobo, H. A. S.; Nogueira, S. M. A & Fonseca Filho, R. E (2023). Análise do perfil do visitante do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG). *PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 21(3), 563-578. <https://doi.org/10.25145/j.pasos.2023.21.039>

1. Introdução

As Unidades de Conservação (UCs) são espaços ecológicos, juridicamente protegidos, com o objetivo principal de preservação ambiental aos quais podem ser permitidas atividades de exploração indireta de seus atrativos naturais, como é o caso da visitação para fins de recreação, pesquisa, educação, esporte, entre outros (Brasil, 2000).

O Parque Natural Municipal das Andorinhas (PNMA) é uma UC municipal criada em 2005 (Ouro Preto, 2005), situada em Ouro Preto-MG (Figura 1), aberta à visitação. Com área de 575,9 hectares, tem como principal enfoque a conservação de mananciais (nascentes altas do Rio das Velhas, importante afluente do Rio São Francisco), que contribui para que a área seja de relevância ecológica (Ouro Preto, 2018).

Figura 1: Mapa de localização das UCs de Ouro Preto (MG) com destaque para o PNMA (polígono róseo de número 8).



Fonte: Modificado de Lisboa, 2021.

De acordo com dados da gestão do Parque, realizada pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouro Preto, o PNMA recebe em média 20 mil visitantes por ano (Semma-OP, 2015). Trata-se de um número bastante expressivo, comparado a outros Parques no município de Ouro Preto que apresentam maior divulgação, como é o caso do Parque Estadual do Itacolomi que recebe em torno de nove mil visitantes por ano, segundo dados do Observatório de Turismo de Minas Gerais (OTMG, 2019). Dentre os atrativos mais visitados do PNMA estão cachoeiras (Figura 2A), trilhas, mirantes (Figura 2B), áreas construídas de lazer e esportes e a Cachoeira das Andorinhas (Figura 2C).

Figura 2: Fotografias do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG). A) Poço das Crianças.



A

B

C

Fonte: Coautor 1 (2021). B) Mirante da Pedra do Jacaré. **Fonte:** Autora (2021). C) Cachoeira das Andorinhas. **Fonte:** Autora (2015).

O acesso à maioria dos atrativos se dá pela estrada principal ou por trilhas. No PNMA existem nove trilhas inventariadas, sendo as mais utilizadas pelos visitantes a do Mirante da Pedra do Jacaré, a da Cachoeira das Andorinhas e a da Cachoeira Véu da Noiva, a 525 metros (m), 550 m e 1.100 m do centro de visitantes, respectivamente.

A justificativa para a realização do estudo foi a necessidade de conhecer o perfil do visitante para o planejamento das atividades turísticas na UC com vistas a minimizar os impactos ambientais negativos. A hipótese levantada é que o turismo na natureza, se bem planejado, contribui para a conservação de UCs, ou, pelo menos, não aumenta o estado de degradação atual da área. Logo, o objetivo do estudo foi conhecer o perfil do visitante do PNMA, com base nas premissas ecológicas da sustentabilidade, ou seja, compatibilizar o uso público à preservação de forma a não comprometer a qualidade e quantidade dos recursos ambientais, visando subsidiar um planejamento mais adequado ambientalmente para as atividades turísticas no Parque.

Com base no exposto, a questão problema para a qual se buscou respostas foi qual o perfil do visitante do PNMA e qual sua relação com os ecossistemas da UC? Para responder a esta questão foram entrevistados visitantes do Parque quanto a algumas variáveis, conforme será apresentado nos materiais e métodos a seguir.

2. Procedimentos metodológicos

No âmbito bibliográfico, buscou-se consultar autores que pesquisam sobre o perfil do visitante em áreas naturais, como: Rodrigues (2003), Cunha (2009), Swarbrooke (2000), Cohen (1979), Smith (1989), Ruschmann (1997), dentre outros.

Para obtenção de dados referentes às características da demanda, foi estruturado previamente um questionário anônimo contendo 17 questões subdivididas em dissertativas e de múltipla escolha. A coleta de dados foi realizada durante o mês de fevereiro de 2020, antes do fechamento da UC em decorrência da pandemia de CoV-19.

Na ocasião da abordagem os visitantes foram questionados se preferiam responder as perguntas ao entrevistador ou preenchê-las pessoalmente, considerando o direito de preservar o anonimato dos respondentes e minimizar possíveis constrangimentos que algumas questões poderiam causar.

Foram aplicados 150 questionários dos quais 126 (84%) foram validados para a pesquisa – parte foi descartada por motivos como duplicidade e rasuras. Os dados foram tabulados, convertidos em gráficos e analisados com base no referencial teórico para tentar identificar padrões de turistas que visitam o PNMA e suas possíveis implicações para a conservação do Parque.

3. Referencial Teórico

O turismo sustentável em UCs requer uma abordagem multidisciplinar, planejamento e participação (Swarbrooke, 2000). Nas últimas décadas, os riscos de um fluxo elevado de visitantes às áreas naturais tornaram-se uma grande preocupação, e pesquisas conservacionistas têm buscado aliar o turismo à

preservação da natureza (Lindberg & Hawkins, 1999). Já foi comprovado que o turismo de massa desordenado, caracterizado pelo grande fluxo de pessoas para um mesmo destino, nas mesmas épocas do ano, traz impactos negativos aos espaços naturais e comunidades locais (Ruschmann, 1997).

Embora na pandemia de SARS-CoV-19 tenha havido uma redução da mobilidade de turistas, em áreas naturais, em especial as protegidas como as UCs, a retomada tem sido mais rápida o que pode ser bom (Vilani, Pena & Simões, 2020; Lohmann et al., 2022), mas também preocupante (Menegasso, Sutil, Silva & Ladwig, 2021; Young & Spanholi, 2021). Além do superdimensionamento dos espaços naturais e artificiais (equipamentos e infraestrutura) pelo excesso de turistas nas UCs, a falta de conscientização ambiental dos visitantes pode multiplicar os impactos (Bueno & Pires, 2006).

Se por um lado é aconselhável a diversificação de atrativos com vista a evitar grande aglomerado de visitantes em um mesmo espaço, por outro, incentivar o fluxo de visitantes para áreas protegidas mais vulneráveis pode potencializar a degradação (Leung, Spenceley, Hvenegaard & Buckley, 2019). Segundo Dowling (1997), é possível classificar o turismo como sendo de massa ou alternativo. No turismo de massa, encontra-se um grande número de pessoas procurando opções que repliquem, em boa medida, características da própria cultura em um cenário institucionalizado, com pouca interação cultural ou ambiental, com o cenário autêntico local. Já o turismo alternativo, segundo Holden (2000), surge em contraposição ao turismo de massa, com motivação relacionada à consciência ambiental.

O ecoturismo ganha força a partir da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, que dá maior ênfase às questões ambientais (Unesco, 1972). Para Buckley (2013, p. 14), o Ecoturismo é um tipo de turismo “sobre as interações entre os aspectos ambientais, sociais e econômicos do turismo”, todavia sem uma definição precisa. Pode ser definido como uma forma mais sustentável – ou até mesmo responsável, sendo alguns trabalhos que propõe um nível maior de interação com a natureza e sua proteção concomitante ao uso (Lindberg & Hawkins, 1999; Holden, 2000). Para tanto, lança mão de estratégias de controle na visitação, interpretação e educação ambiental e insere as comunidades locais no processo de planejamento e gestão do uso público (Ceballos-Lascurain, 1987; Brasil, 1994; Cunha, 2009; Martins & Silva, 2018).

Um dos aspectos relevantes da discussão do ecoturismo é sobre o perfil do visitante que pode ser denominado como ecoturista. Há diversas classificações possíveis, à exemplo, temos Smith (1989) com a sete tipologias de turistas (Quadro 1).

Quadro 1: Tipologia de turistas.

Tipo de Turista	Número de turistas	Adaptação às normas locais
Explorador	Muito limitado	Aceita totalmente
Elite	Raramente visto	Adapta-se totalmente
Não convencional	Incomum, mas visto	Adapta-se bem
Incomum	Ocasional	Adapta-se um pouco
Massa incipiente	Fluxo constante	Procura amenidades ocidentais
De massa	Fluxo contínuo	Espera amenidades ocidentais
De fretamento	Chegadas em massa	Exige amenidades ocidentais

Fonte: Smith (1989, p. 12).

Por sua vez, Cohen (1979) utilizou como critério o tipo de experiência almejado, classificando-os como recreativos, aqueles que buscam a fuga da rotina cotidiana, os empiristas – que buscam situações autênticas -, os experimentais que se interessam pela sintonia com a comunidade local e os existenciais, que preferem uma inserção maior na cultura e na rotina dos locais visitados. No que tange à tipologia de ecoturistas há diversas (Hvenegaard, 2010), e Kunchambo e Little (2022), definiram quatro arquétipos interessantes: o campeão, o aderente, o coroinha e o frequentador de spa, que se relacionam com a natureza, como, respectivamente julgamento, guru, Deus e recurso de bem-estar.

Assim, há um ponto comum em todas as classificações, que é a necessidade de mudança de ambiente e quebra de rotina, aliadas à realização pessoal, a concretização de fantasias e a busca pelo exótico, tal como definido por Rodrigues (1997).

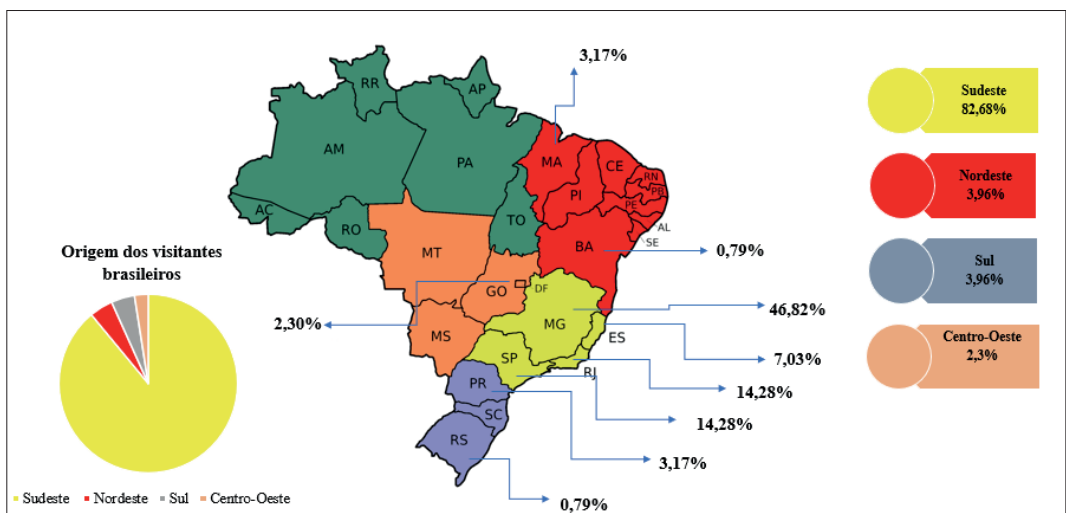
Nesse contexto, os gestores de UCs devem buscar atender as expectativas dos visitantes, desde que estas sejam coerentes aos objetivos de conservação ambiental de tais áreas. Segundo o Ministério do Turismo (2010), o ecoturismo surgiu influenciado pelas transformações do século XX levando uma maior interação entre o homem e o meio natural. A proposta do ecoturismo é adotada como premissa para uma visitação sustentável em áreas conservadas. Salienta-se que o ecoturismo é o deslocamento responsável a áreas naturais, visando a preservação do meio ambiente e a promoção do bem-estar da população local (MICT/MMA,1995). Desta forma, entende-se que conhecer o perfil do visitante pode ser uma ferramenta eficiente para avaliar o tipo de impacto causado por cada segmento de visitação com vistas a evitar a sua ocorrência e auxiliar no estabelecimento de ferramentas para o monitoramento, programas de conscientização ambiental, ou mesmo a mitigação desses impactos quando os mesmos já estiverem consolidados, como é o caso de uma UC criada em uma área que já possui estágios consideráveis de degradação devido ao uso desordenado antes da implementação de mecanismos legais e gerenciais de proteção.

4. Análise e Discussão dos Resultados

Com vistas a compreender quem são os visitantes do PNMA, o presente estudo buscou a identificação dessas pessoas e de alguns de seus hábitos de viagens e comportamento no destino com intuito de reconhecer tendências de comportamentos pré-identificados por outros autores em áreas naturais que podem favorecer a conservação da UC ou mesmo coibir atividades que possam ser consideradas predatórias ao Parque.

Quando analisadas as cidades emissoras de visitantes para o PNMA (Figura 3), observou-se a presença de 46,8% de cidades localizadas em Minas Gerais, sendo 23,80% de lugares diversos no estado; 11,90% da capital Belo Horizonte e 11,10% de Ouro Preto. Quando analisados os estados emissores nota-se que a maior parcela de visitantes é oriunda da Região Sudeste, sendo Minas Gerais com 46 respostas (82%), seguida por São Paulo e Rio de Janeiro, com 14 cada (28%), Espírito Santo, Paraná e Maranhão com sete cada (3%), Distrito Federal com três (2,30%), Bahia e Rio Grande do Sul com uma cada (0,79%). Tal dado pode ser explicado em parte pela relação de proximidade do emissor ao destino e as facilidades atribuídas a estradas terrestres e aeroportos nas proximidades. Comparando esses dados ao da Cidade Histórica de Ouro Preto, observa-se certa similaridade visto que temos que 35% dos visitantes são oriundos de MG (35%), SP (20%), do RJ (15%) e do ES (3%) (OTMG, 2017).

Figura 3: Mapa de origem dos turistas domésticos do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



Fonte: Dados da pesquisa a partir de Photoscape (2021).

A proximidade da cidade de Ouro Preto à capital mineira, Belo Horizonte, 96 quilômetros (km), e a 115 km do aeroporto mais próximo, da Pampulha, viabiliza o trânsito de visitantes de diversas Unidades da Federação. Conforme dados da pesquisa, quase metade (47%) dos visitantes do Parque são oriundos de Minas Gerais, geralmente optam pelo transporte terrestre, como ônibus fretado e carro particular para a realização da visita.

O acesso dos visitantes ao PNMA pode ser realizado tanto por veículos particulares, pela estrada do Morro Santana quanto por transporte público das linhas de ônibus Morro São Sebastião e do Morro Santana. Ressalta-se que a opção do transporte público é aparentemente benéfica para o PNMA, pois, conforme estudos de Lechner (2006) reduz a emissão de poluição por combustíveis fósseis, diminui o risco de atropelamentos da fauna silvestre e reduz processos erosivos nas estradas rurais de acesso à sede do Parque (estradas do Morro Santana e do Morro São Sebastião). Os veículos de transporte público não se deslocam dentro do Parque, sendo o local mais próximo no entorno o Morro São João, ponto a partir do qual os visitantes podem chegar à sede do Parque a pé pela Trilha do Baú, com 690 m de comprimento.

Atenta-se ao fato de que as estradas podem modificar o solo, a hidrologia, os ecossistemas aquáticos, a vegetação e a fauna (Forman, Sperling & Bissonette, 2003; Laurance, Goosem & Laurance, 2009). Além da fatalidade por atropelamento, outros mecanismos relacionados às características das rodovias que afetam a fauna são: evitação da rodovia, do ruído ou dos veículos; e, atração pela rodovia (Rosa & Bager, 2013).

Quando questionados quanto à declaração de sexo, a maioria dos entrevistados afirmou ser feminino (49%), seguido por masculino (41%). Parte optou por não responder (6%) e parte respondeu “outros” (4%). Os dados se aproximam da visitação no Centro Histórico de Ouro Preto, em que parte dos visitantes se considera feminino (51,7%) e masculino (48,3%), conforme dados do OTMG (2019).

O público é, em sua maioria, jovem, com os seguintes perfis: entre 31 a 40 anos de idade (39%), entre 20 e 30 anos (35%) e entre 41 e 50 anos (15%), entre 18 e 19, entre 51 e 60 (3,17%) e mais de 60 anos (3% cada); 2% não respondeu à questão. Tais dados destoam dos visitantes registrados no Centro Histórico de Ouro Preto, que possuem cerca de 20 anos (Setic-OP, 2018).

A escolaridade dos frequentadores do PNMA, é, em sua maioria alta, sendo: pós-graduação (30%) e ensino superior completo (29%); seguido por ensino médio completo (18%), ensino médio incompleto (5%), ensino fundamental incompleto e ensino fundamental completo (1% cada); 9,52% não respondeu à pergunta. Esse dado se aproxima em parte daqueles encontrados para os visitantes da cidade, que possuem pós-graduação (18%), ensino superior completo (49%), ensino médio completo (28%) e de ensino superior incompleto (4%) (OTMG, 2019).

Os visitantes que apresentam um bom nível de escolaridade podem ser mais receptivos às atividades ecoturísticas, conforme estudo de Barros e Dines (2000), que identificou um bom grau de comprometimento quanto à preservação ambiental. E, na falta de recursos humanos em número suficiente e com o devido treinamento, a promoção de material de cunho educativo faz-se essencial.

Quanto à natureza da atividade profissional, os visitantes são, em sua maioria, dos setores privado e público (17% cada). Todavia, somando-se o setor privado aos serviços (16%) e comércio (7%), tendo destaque o setor privado, com quatro de cada dez entrevistados.

A presença de instituições de ensino de diversos níveis no município favorece o intercâmbio de estudantes e a presença destes na cidade e isso é refletido na visitação do PNMA, com 6% de estudantes. Ressalta-se que em pesquisas anteriores (Machado, 2013), foi registrado um índice maior de estudantes no PNMA (42%). A diferença pode ser justificada, em parte, pelo corte nos recursos destinados ao investimento em programas de educação ambiental, conforme parte das sugestões dos visitantes entrevistados por Rocha, Rocha, Miceli e Costa (2019) no PARNA da Tijuca; além da pandemia da Covid-19 a partir de 2020, que suspendeu as atividades presenciais nas instituições de ensino.

A renda familiar declarada por 32% dos visitantes foi de até dois salários mínimos-SM (classe E), de 2 a 4 SM (classe D) e de quatro a 10 SM (classe C) (23% cada), 10% com mais de 10 SM (classes A e B), segundo critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (sd). Cerca de um em cada 10 entrevistados optou por não responder à pergunta. Estudo de Fonseca Filho e Moreira (2017) a respeito do turista de outro parque periurbano em Ouro Preto, o Parque Estadual do Itacolomi, demonstrou um público com renda diferente, sendo a maioria da classe C (34%). A renda e respectiva capacidade de consumo no destino turístico pode ter impactos econômicos positivos (Takahashi, 2004), mas também negativos, ao contribuir para a elitização do destino e consequentemente gentrificação da população local, como observado por Oliveira (2010) em Bonito (MS), que associada a questões ambientais têm sido chamadas de “gentrificação verde” (Gould & Lewis, 2016).

Em relação à forma pela qual os visitantes obtiveram informação acerca da existência do Parque destaca-se a indicação de amigos e parentes (59%). Interessante observar que 12% dos entrevistados tomaram conhecimento do parque por indicação de guias de turismo e recepcionistas de meios de hospedagem. Todavia, acompanhando tendência do mercado (Lopes & Correa, 2018), um em cada quatro entrevistados ficou sabendo do PNMA por meio da internet e somente 3% por agências de viagem.

De acordo com a pesquisa, a maioria dos entrevistados viajou em companhia de família ou cônjuge (37%), de colegas de trabalho ou sozinhos (10% cada) e de amigos (6%). Tal padrão de visitação pode ser relacionado à busca de ambientes familiares, ou seja, a pessoa se desloca, mas não abre mão de comodidades e de referências familiares. Por meio do agrupamento de viagens, é possível inferir que os visitantes do PNMA se enquadram principalmente nos grupos: 1) exploradores; 3) excêntricos; 5) de massa, conforme a definição de Smith (1989).

Os dados nacionais de agrupamento apontam que 84% dos visitantes entrevistados viajou sozinho ou até com dois viajantes. Comparando-se o agrupamento com a motivação, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD, 2019), em sua maioria, por motivo profissional ocorrem com apenas um viajante, enquanto nas viagens por motivo de lazer costumam ser entre um e três viajantes. Notou-se ainda a presença de 18% de pessoas que viajam em agrupamentos maiores.

A pesquisa apontou que 57% dos visitantes permanecem mais de três dias no destino; destes, 48% de três a cinco dias e 98% acima de cinco dias. Tal dado condiz em parte com o turismo no município de Ouro Preto, conforme Setic-OP (2018), que aponta que o turista permanece no município em média 3,2 dias.

De acordo com o PNAD (2019), em âmbito nacional, em 74% das viagens investigadas, ocorreu pernoite, ou seja, foram 15,8 milhões de viagens nas quais o viajante passou ao menos uma noite no trajeto ou no destino. Em 17% destas viagens foi registrado apenas um pernoite, em 38% dois ou três pernoites e, em 15%, quatro ou cinco pernoites.

Foi possível observar que o PNMA recebeu visitação expressiva da população residente na cidade (16%). Essa característica aponta para o fato de que o atrativo não é excludente. Ressalta-se que uma das facetas questionáveis do turismo é a exploração do atrativo com exclusão da comunidade receptora e, por consequência, a perda de relação de identidade da população local com o destino (Loureiro & Azazel, 2006).

A presença de excursionistas (pessoas que permanecem menos de um dia no destino, logo não pernoitando) foi de 10%. Uma iniciativa positiva para melhorar esse quadro seria motivar esses visitantes a pernoitar na cidade, em pequenas pousadas nas imediações do PNMA, auxiliando a maximizar os benefícios do turismo para a comunidade local (Swabrooke, 2000).

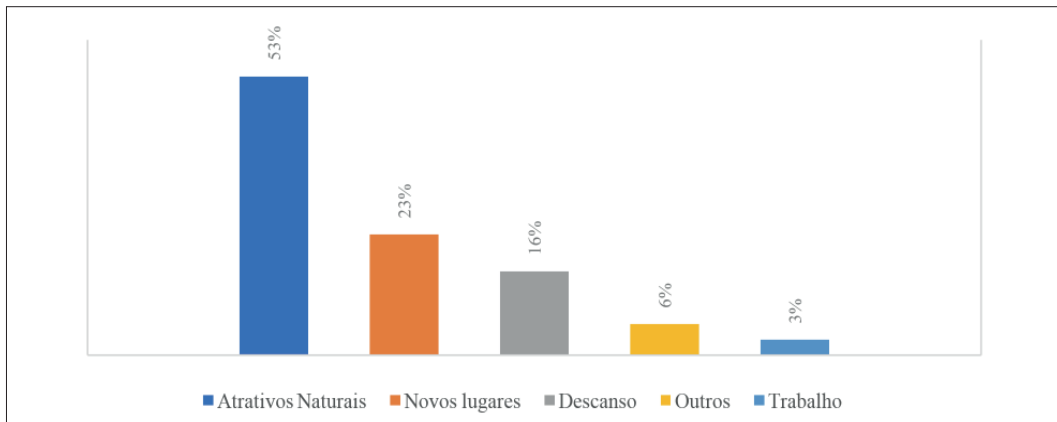
A hospedagem deu-se principalmente em residência de amigos/parentes (23%), seguida por hotel (19,84%), outros meios de hospedagem e não respondeu (6,8% cada) e em repúblicas estudantis (3,17%). Dos entrevistados, 15% é residente na cidade e 10,31% não se hospedou na cidade, ou seja, são excursionistas.

O tipo de hospitalidade que mais se destacou é aquela definida por Phillipi Jr. e Ruschmann (2010) como hospitalidade de âmbito privado, ou seja, pessoas que recebem em sua casa amigos e parentes que moram em outra cidade (23%), nesse caso a motivação é afetiva e há menor gasto no destino com hospedagem possivelmente ocasionando em uma menor circulação da economia local. Entretanto, se por um lado a hospedagem comercial propicia melhores resultados econômicos para o destino, por outro, gera mais impacto como é o caso da extração de insumos da natureza, emissão de efluentes contaminantes como rejeitos sólidos e transformação do espaço físico para o estabelecimento de infraestrutura.

Tais dados corroboram o padrão nacional, no qual a casa de amigos ou parente superou as demais modalidades, representando 47% dentre as alternativas. Em segundo lugar ficou a opção hotel ou flat (17%) (PNAD, 2019). No caso de Ouro Preto, pesquisas realizadas no Centro Histórico apontam para o seguinte padrão: 25% hospeda-se em hotel/pousada e apenas 13% na casa de amigos e parentes (Setic-OP, 2018). A busca por tecnologias alternativas que propiciem o baixo-impacto dos meios de hospedagem tradicionais, o incentivo ao desenvolvimento de pequenas pousadas de gestão da comunidade local, bem como a conscientização dos visitantes para hábitos mais sustentáveis são algumas das iniciativas que podem ser tomadas para redução do impacto da visitação no destino.

Segundo Vaz (1999) a questão referente às motivações que levam um indivíduo a viajar pode ser analisada sob três aspectos: fonte motivadora, grau de escolha e natureza da motivação. Segundo o mesmo autor, a fonte motivadora pode ser de origem pessoal, familiar, social ou organizacional (ou profissional). Nesse contexto, a maioria dos visitantes do PNMA (Figura 4) foi atraída por seus atrativos naturais (53%). Esse interesse por atividades relacionadas à natureza pode ser explicado pelo apontamento de Kinker (2002) ao indicar que quanto maior a frequência em áreas naturais, maior a percepção e a sensibilização ambiental, pois a insegurança do visitante, morador de grandes centros urbanos, diminui à medida que a sensação de bem-estar aumenta a cada visita.

Figura 4: Motivação dos visitantes do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Dentre os visitantes, a motivação mais citada pelos entrevistados (23%) foi para conhecer novos lugares, indicando que a essência do turismo está na motivação de viajar para lugares diferentes do cotidiano e a paisagem é o elemento que melhor indica ao turista essa mudança de lugar, denotando, conforme Ferretti (2002), que a paisagem é muito importante para o turismo. Essa importância da paisagem para o turismo é corroborada por Calvente (2005), tendo em vista que para a geografia contemporânea ela se dá enquanto paisagem vivida, produção humana (Cosgrove, 1984; Santos, 1996), e para a geografia tradicional enquanto morfologia e estética (Sauer, 1998). No PNMA destacaram-se os perfis descritos por Cohen (1979) como turista recreativo e o turista que visa a diversão por meio da fuga do cotidiano.

Outra motivação relatada foi o descanso (16%). As condições de vida dos centros urbanos conduzem ao fato de que uma grande parcela da população com recursos financeiros busque durante as férias, fins de semana e feriados as regiões com belezas naturais, para descansar. Verifica-se, assim, uma necessidade de fugir da rotina, do trabalho, em que a viagem se enquadra também como lazer (Dumazedier, 1973) e o ecoturismo se apresenta como “uma nova forma de uso e fruição dos espaços pelos turistas” (MTur, 2010, p. 14).

Segundo Hales (2007), o Brasil ocupa o segundo lugar no *ranking* da população mais estressada do mundo, só perdendo para o Japão. De acordo com o autor, 70% dos trabalhadores brasileiros – parte considerável da área de turismo, como camareiras, recepcionistas e gerentes – vive sob estresse profissional, justificando, em parte a busca por espaços naturais para o lazer e o descanso, resultado também observado no perfil do ecoturista e turista de aventura brasileiro pela Associação Brasileira de Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura (Abeta, 2010).

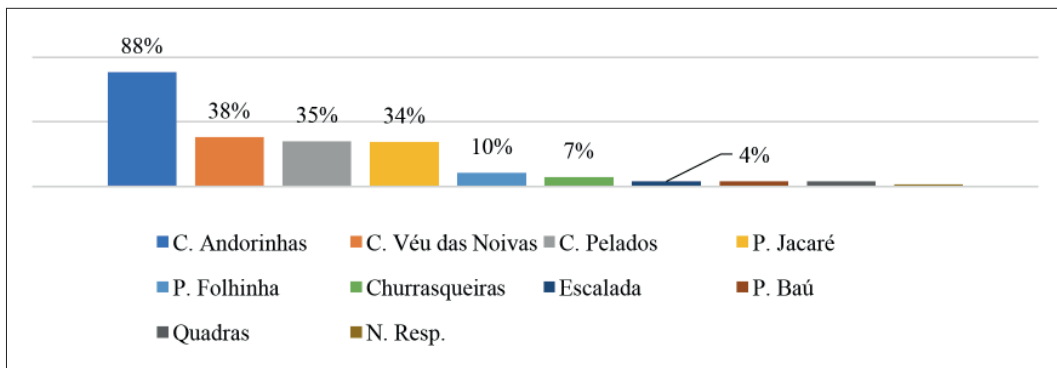
Os atrativos mais visitados do PNMA foram, respectivamente (Figura 5): a Cachoeira das Andorinhas (88%), Cachoeira Véu das Noivas (37%), Cachoeira dos Pelados (35%), Pedra do Jacaré (34%), Poço da Folhinha (10%), área de churrasqueiras (7%), Setores de Escalada, Poço do Baú e quadras (4% cada), sendo que 2% dos visitantes não soube ou não quis responder a pergunta.

Cabe salientar que, para chegar até a Cachoeira das Andorinhas, o visitante passa obrigatoriamente pela Pedra do Jacaré, entretanto, esse atrativo apresentou indicação baixa de visitação em relação à Cachoeira que dá nome ao Parque. Esse dado pode representar a má orientação dos visitantes pelos monitores e/ou a ausência de sinalização adequada nos atrativos. Ressalta-se que o acompanhamento na visita por monitores existe e pode ser agendado previamente, por e-mail ou telefone, ou solicitado no centro de visitantes no momento da visita dentro dos horários pré-estabelecidos, conforme Regimento Interno do Parque. Foi observado ainda que para os monitores – que guiam parte dos atrativos (PNMA, 2022) –, a escolha de atrativos pelos visitantes considera: divulgação, a distância, presença de sinalização nas trilhas e a facilidade de acesso.

Os atrativos podem ser agrupados com base no nível de dificuldade de acesso, que é relativo, podendo variar de acordo com o condicionamento físico de cada visitante bem como equipamentos e vestes apropriadas para a visita. Entretanto, de forma generalista, conforme apontamento dos monitores, temos que a Cachoeira das Andorinhas, a Pedra do Jacaré, a área das churrasqueiras e as quadras desportivas possuem acesso

fácil. Por sua vez, o Poço da Folhinha, a Cachoeira Vêu das Noivas e o Poço do Baú possuem dificuldade moderada de acesso, enquanto que a Cachoeira dos Pelados e o Setores de Escalada, difícil. Ressalta-se que essas definições não se aplicam aos esportistas que possuem limites de resistência diferenciados.

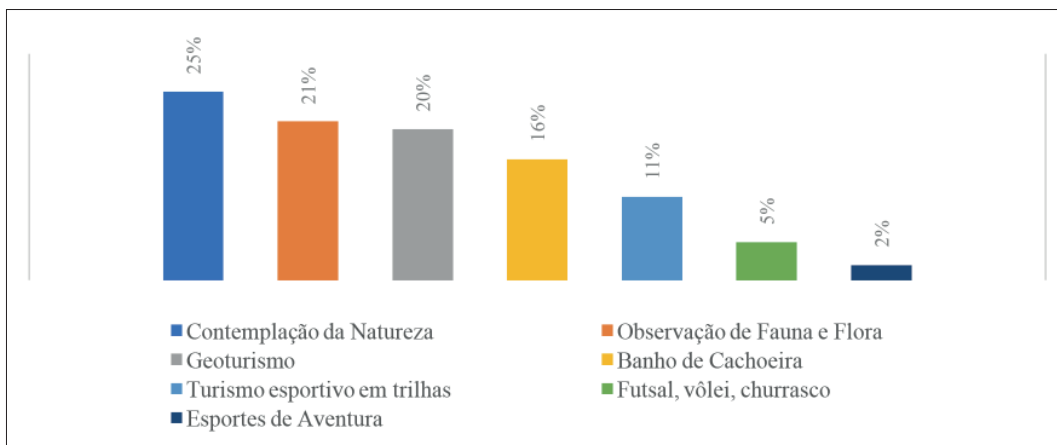
Figura 5: Atrativos visitados no Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Com base na resposta dos visitantes sobre os atrativos visitados, foi realizada uma análise das principais atividades disponibilizadas em cada atrativo, elaborada uma tabela de frequência de ocorrência da atividade em cada um deles. Em seguida gerou-se um gráfico com a proporção das atividades realizadas pelos visitantes no PNMA, que aponta para a presença do que Rodrigues (2003) denominou “Ecoturistas Naturalistas” (Figura 6).

Figura 6: Atividades realizadas pelos visitantes do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

A contemplação da natureza representou 25% das atividades realizadas pelos entrevistados, A contemplação da natureza e observação da fauna e flora ocorrem de forma espontânea ou incentivada por programas de educação ambiental promovidos pela Secretaria Municipal de Meio Ambiente, conforme Fonseca Filho, Machado e Silva (2019) e Machado, Monteiro e Alves (2013). A observação de fauna e

flora 21%. Os dados são condizentes com a beleza cênica dos mirantes, matas e trilhas naturais do Parque, que também atrai trabalhos de campo e pesquisas de instituições de ensino locais, como a Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). O geoturismo representou 20% das atividades realizadas, 16% o ecoturismo (banho de cachoeiras), 11% de turismo de esportes (e.g. corridas), 5% de atividades recreativas (e.g. churrasco, futebol e vôlei), 2% de turismo de aventura (escalada, boulder e ciclismo, entre outros), 2%.

Cabe mencionar que o PNMA possui grande potencial para atividades relacionadas ao turismo de aventura, entretanto, essa atividade é pouco realizada, restrita apenas a pessoas com equipamento e experiência adequada sob supervisão da equipe de monitores. A prática desses esportes é pouco explorada comercialmente, havendo apenas um ou dois eventos anuais de pequeno porte, porém de referência nacional e internacional, como os eventos “Ouro Boulder” e o “X Terra Brasil”, organizados por empresas privadas. A justificativa para tal fato pode ser a insuficiência de funcionários qualificados para acompanhar a execução da atividade e o alto custo de alguns equipamentos necessários que tornam tais atividades pouco populares entre os visitantes em relação às demais.

Salienta-se aqui que, nessa etapa da pesquisa, as respostas dos visitantes foram espontâneas, logo, não houve interferência dos entrevistadores no que tange a compreensão de cada visitante sobre conceitos como contemplação da natureza, geoturismo, observação da fauna e flora.

Quando questionados sobre a avaliação do PNMA (Tabela 1), a maioria dos visitantes atribuiu características ótimo/bom para a maior parte dos itens inferidos. Ressalta-se que até a entrada do parque a estrada é asfaltada e no interior do parque o acesso ocorre principalmente por trilhas e que a sinalização está em processo de recuperação, sendo que não há nenhum tipo de sinalização na trilha de alguns dos atrativos visitados.

Tabela 1: Avaliação do PNMA por itens

Avaliação do PNMA				
Avaliação dos Itens	Pontuação			
	Ruim/péssimo	Bom	Ótimo	Não respondeu
Sinalização	9,51%	17,46%	66,66%	6,34
Segurança	7,14%	18,24%	64,28%	10,31
Atendimento	2,37%	9,51%	80,15%	7,93
Limpeza	2,37%	10,31%	79,36%	7,93
Atrativos naturais	0,79%	3,17%	84,91%	11,11
Manutenção das trilhas	4,76%	11,9%	72,21%	8,73
Conservação predial	3,96%	21,42%	66,64%	7,93

Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Ressalta-se que boa parte daqueles que alegaram dificuldade para encontrar o PNMA foram os que utilizaram veículo próprio para a visita. Os visitantes que utilizaram transporte coletivo, ou que estavam acompanhados de guias, amigos e parentes ou outras pessoas residentes na cidade não relataram problemas para encontrar o Parque. De fato, foi observado que a sinalização de acesso foi depredada, o que poderia justificar a dificuldade relatada pelos 12% dos visitantes.

As piores avaliações do PNMA foram nos quesitos sinalização (9,51%) e segurança (7,14%). Os visitantes consideraram bons a conservação predial (21,42%) e a segurança (18,24%). As avaliações consideradas ótimas foram destinadas principalmente para os atrativos naturais (84,91%), atendimento (80,15%) e limpeza (79,36%).

Em relação ao atendimento, os visitantes justificaram as notas mais baixas devido à capacidade de arguição dos monitores e voluntários. Tal dado pode estar relacionado ao fato de que o curso de capacitação dos monitores ocorre anualmente, em um workshop promovido por turismólogos da equipe de gestão das UCs municipais, logo, os monitores que são contratados antes da realização

deste curso passam por um treinamento básico realizado por gestores contratados, de forma superficial, até a realização da próxima capacitação coletiva da equipe. Ressalta-se que Gastal e Moesch (2007) atentam para o fato de que a pessoa em deslocamento encontra outros sujeitos que são diferentes de si.

Em relação à limpeza, os visitantes apontaram para níveis satisfatórios. Tal fato pode estar relacionado com a limpeza periódica realizada no prédio da sede, infraestrutura de apoio, das trilhas e atrativos naturais.

Os atrativos naturais obtiveram a melhor aprovação dos visitantes. Quanto ao fato, é possível salientar que o PNMA possui além de um rico patrimônio histórico ainda pouco explorado para a visitação, recursos hídricos de boa qualidade, conjunto paisagístico e geomorfológico de grande beleza cênica, favorecendo a observação da fauna e flora, pesquisa científica, com presença de cachoeiras e mirantes naturais. Salienta-se que, no Parque há sinal de internet no centro de visitantes, entretanto, em determinados pontos das trilhas o sinal é ruim ou inexistente.

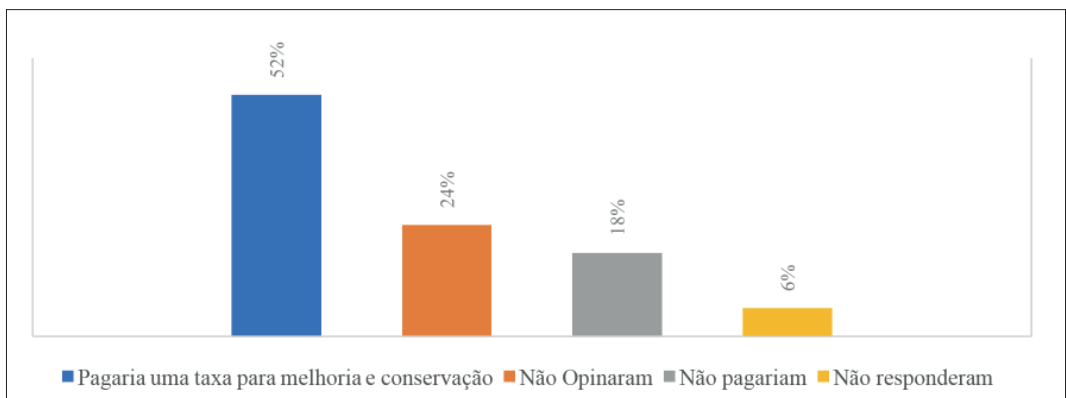
A manutenção das trilhas obteve aprovação da maioria (72,21%) dos visitantes. Com base nas observações apontadas pelos visitantes, as notas baixas atribuídas foram em decorrência da pouca ou nenhuma sinalização e à presença de áreas alagadiças. Observou-se ainda que uma minoria dos entrevistados não estava familiarizada com os objetivos de preservação do PNMA, sugerindo a abertura e pavimentação das trilhas para melhor comodidade de acesso dos visitantes. Tal fato aponta para a necessidade de programas de educação ambiental e conscientização voltados para os visitantes do Parque, visto que nem todos estão cientes de seus objetivos preservacionistas focados exclusivamente nas atividades de lazer e recreação. Um exemplo desta educação ambiental, são os roteiros interpretativos em UC (Takahashi, 2004), conforme proposto por Raimundo, Sarti e Pacheco (2019) no Parque da Ilha da Usina de Salto (SP).

A conservação predial da sede do PNMA foi tida como satisfatória pela maioria dos entrevistados, sendo que 7,93% não quis opinar, pois, não visitaram as estruturas prediais do PNMA. A atribuição de notas baixas deu-se principalmente devido às reclamações referentes à depredação dos banheiros e das quadras.

Instalações físicas adequadas nas áreas naturais e em suas proximidades são fundamentais para o desenvolvimento de uma visitação mais responsável. Planejamento, projeto e critérios de construções adequados devem ser aplicados a fim de minimizar o impacto sobre o meio ambiente, fornecer um certo grau de autossuficiência funcional e contribuir para melhoria da qualidade da experiência do visitante (Lindberg & Hawkins, 1999). Os visitantes do PNMA declararam satisfação com a visita a ponto de 88% ter a intenção de voltar ou indicar a visita. 3% alegaram não saber e 9% não se manifestaram.

A disposição para pagar uma taxa para melhorias na infraestrutura do Parque e para sua conservação consta na figura 7.

Figura 7: Disposição para pagar uma taxa de entrada para melhorias e conservação do Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



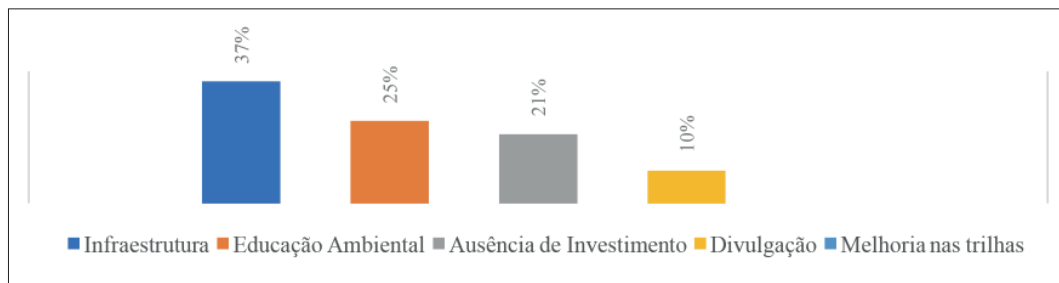
Fonte: Dados da pesquisa (2021).

Em relação à disposição para pagar uma taxa para manutenção e conservação do PNMA, mais da metade dos entrevistados (52%) estão dispostos a contribuir. Uma parcela considerável dos entrevistados (18%) disse que não pagaria, enquanto que 24% não souberam opinar no momento e 6% optaram por não responder. Dentre aqueles que disseram que não pagariam, alguns justificaram a resposta explicando que acreditam que o Parque é público e não pode ser fechado ou cobrado e que é um direito de todos o uso gratuito do espaço. Outra parcela dos entrevistados disse que a entrada deveria ser cobrada dos turistas e não da comunidade local. Outros explicaram que até estariam dispostos a pagar se a taxa fosse um valor simbólico, pois, um valor alto inibiria a presença da comunidade.

Swarbrooke (2000) acredita que existem dois perfis de visitantes: os que querem viajar para áreas preservadas, mas não se importam com os impactos causados no destino e aqueles que se preocupam com a conservação e buscam engajar-se em causas ambientais preservacionistas. Logo, a disposição para pagar dos visitantes pode ser atribuída a uma maior conscientização da responsabilidade social para com a preservação ambiental.

Lindberg e Hawkins (1999), apontam para o fato de que se multidões destroem o apelo estético da destinação, a disposição do visitante em pagar impostos diminui em função da conservação. Para os autores, que manifestam preocupação com o turismo predatório, o ecoturismo reflete um conjunto cada vez mais sofisticado de expectativas. Um número grande de amantes da natureza é atraído a um lugar recentemente descoberto, para depois de um tempo abandoná-lo, já deteriorado. Já Milano (2000) ressalta que as possibilidades de sustentabilidade para as UCs são muito restritas. Apesar de haver receita pública para manutenção das UCs, estas não são suficientes para cobrir o orçamento anual necessário para a manutenção do sistema de parques e a cobrança pelo uso ou para a conservação é uma tentativa de autonomia para as UCs. Quanto às sugestões para o Parque, há ênfase na melhoria da sinalização, informação, acesso e transporte; diversificação de atividades; mais recursos humanos, informação; dentre outros (Figura 8).

Figura 8: Sugestão dos visitantes para melhorias para o Parque Natural Municipal das Andorinhas, Ouro Preto (MG).



Fonte: Dados da pesquisa (2021).

É possível observar que a maior demanda apresentada pelos visitantes diz respeito à infraestrutura (37%), corroborando o estudo de Sousa, Araújo e Lopes (2012) no Parque Ecológico Cachoeira do Urubu (PI). Ressalta-se que atividade turística acaba por demandar o investimento em vias de acesso e infraestrutura para recepcionar o visitante, o que, inevitavelmente afeta o aspecto físico do lugar e que se mal planejado e gerenciado, pode resultar na degradação do espaço. Ao mesmo tempo, uma infraestrutura adequada pode incentivar hábitos ecologicamente recomendáveis, principalmente por meio de atividades que promovam a educação ambiental.

O segundo item reivindicado se refere à falta de atividades de educação ambiental (25%) seguido pelo investimento público (21%), bem como aumento do número e capacitação dos monitores. Os visitantes também sugerem melhorias na divulgação da UC como atrativo turístico (10%) e melhoria na segurança das trilhas (7%). Murphy (1985) acrescenta que programas de educação ambiental se tornam relevantes uma vez que buscam oferecer subsídios para que a população possa contribuir para a elaboração de políticas públicas que assegurem a preservação agregada aos interesses sociais da comunidade envolvida.

Por sua vez, Dutra, Senna, Ferreira e Adorno (2008) acreditam que os interesses do visitante por maiores informações e melhorias no estado de conservação auxiliam os gestores, pois podem resultar

em propostas de criação de novos atrativos culturais como museus, galerias, casa de cultura, etc. Esses atrativos possibilitam a divulgação da cultura, natureza e importância do local, além de representar um instrumento de percepção e conscientização dos visitantes, repercutindo de forma positiva na conservação do local.

5. Conclusões

Adequar a oferta de produtos turísticos em UCs à demanda de forma sustentável não é uma tarefa fácil. Para tanto, faz-se essencial conhecer tanto as características físicas ambientais quanto as características da demanda. Nesse contexto, a análise do perfil do visitante é uma importante ferramenta que viabiliza o planejamento e adequação a práticas de visitação sustentável em âmbito econômico, social e ambiental.

A pesquisa do perfil do visitante do PNMA apontou que as principais atividades realizadas pelos visitantes condizem com a contemplação da natureza e o ecoturismo. Os visitantes foram em sua maioria oriundos da Região Sudeste, ficaram sabendo do Parque por meio da divulgação informal ou “boca a boca”, hospedaram-se na casa de amigos e parentes e ficaram no destino por mais de três dias. Os principais atrativos visitados foram: Cachoeira das Andorinhas, Véu da Noiva e Pedra do Jacaré.

Os principais elogios tecidos dizem respeito à conservação, beleza e qualidade dos atrativos físicos do Parque e as maiores reclamações foram sobre a sinalização, segurança e manutenção das trilhas e ausência de material educativo e promocional. Os visitantes demonstraram disposição para pagar uma quantia para auxiliar na manutenção do PNMA e para realização de melhorias.

Pode-se enumerar como limitações da pesquisa a não ampliação para outros períodos de entrevistas, como dias da semana com visita de escolas (turismo pedagógico) e períodos de férias (outros tipos de turistas); bem como o não tratamento estatístico dos resultados encontrados. Todavia, os mesmos apontam para estudos futuros, via revisão do plano de manejo da UC, contribuindo para a melhor gestão da mesma ao se conhecer melhor o usuário da área do parque, carecendo de continuidade dos estudos de demanda turística.

Nota-se, assim, que o visitante do Parque das Andorinhas é tipicamente ecoturista, em especial a apreciação da paisagem. A unidade de conservação municipal mais antiga do município detém, assim, patrimônio natural – a exemplo do já relatado no artigo, como serra e cachoeiras. Que este notável parque periurbano permaneça em harmonia: conhecendo-se as pessoas em conciliação com a natureza, contribuindo para o fortalecimento do entorno da Cidade Histórica, patrimônio cultural da humanidade desde 1980.

6. Agradecimentos

Os autores agradecem: aos visitantes do Parque Natural Municipal das Andorinhas pelas entrevistas; à Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouro Preto pela possibilidade de pesquisa científica na Unidade de Conservação; e aos Programas de Pós-Graduação em Sustentabilidade Socioeconômica Ambiental, (UFOP), Turismo e Patrimônio (UFOP) e Turismo (USP) pelo apoio; e aos pareceristas da Pasos pelas contribuições para melhoria do artigo.

Bibliografia

- Abeta - Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. 2010. *Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil*. São Paulo, Abeta.
- Brasil. 2000. *Lei Federal Nº 9.985*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19985.htm.
- Buckley, R. 2013. Defining ecotourism: Consensus on core, disagreement on detail. In: R. Ballantyne, & J. Packer (Eds.). *International Handbook on Ecotourism*. Queensland: University of Queensland, p. 9-14.
- Bueno, F. P., & Pires, P. S. 2006. Ecoturismo e educação ambiental: possibilidades e potencialidades de conservação da natureza. *Anais... IV SeminTUR – Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL*, Caxias do Sul, RS, p. 1-18.

- Calvente, Maria del Carmen Matilde Huertas. 2004. *Turismo e excursionismo rural: potencialidades, regulação e impactos*. Londrina: Edições Humanidades.
- Ceballos-Lascurain, H. 1987. The future of ecotourism. *Mexico Journal*, 13-14.
- Cohen, E. 1979. Towards a sociology of international tourism. *Political Economics*, 39(1), 164-182.
- Cosgrove, D. 1984. *Social formation and symbolic landscape*. Londres, Croom Helm.
- Cunha, L. 2009. *Introdução ao Turismo*. 4ª Edição. São Paulo: Editorial Verbo.
- Dowling, R. K. 1997. Plans for the development of regional ecotourism: theory and practice. In: C. M. Hall, J. Jenkins & G. Kearsly (Eds.). 1997. *Tourism planning and policy in Australia and New Zealand: cases, issues and practice*. Sydney: McGraw-Hill, p. 110-134.
- Dumazedier, Joffre. 1973. *Lazer e cultura popular*. São Paulo, Perspectiva.
- Dutra, V. C., Senna, M. L. G. S., Ferreira, M. N., & Adorno, L. F. M. 2008. Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. *Caderno Virtual de Turismo*, 8(1), 104-117.
- Ferretti, Eliane Regina. 2002. *Turismo e meio ambiente*. São Paulo: Roca.
- Fonseca Filho, R. E., Machado, S. F., & Silva, F. M. S. 2019. Análise de programas de Educação Ambiental do setor público de Ouro Preto (MG). *Revista Brasileira de Educação Ambiental*, 14, 9-30.
- Fonseca Filho, R. E., & Moreira, J. C. 2017. O perfil do geoturista do Parque Estadual do Itacolomi, Ouro Preto e Mariana (MG). *Espacios*, 38(47), 1-18.
- Forman, R. T. T., Sperling, D., & Bissonette, J. A. 2003. *Road ecology: science and solutions*. Washington: Island Press.
- Gastal, S., & Moesch, M. 2007. *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph.
- Gould, K. A., & Lewis, T. L. (2016). *Green Gentrification: urban sustainability and the struggle for environmental justice*. Routledge.
- Hales, D. 2007. *Saindo fumaça: o estresse jogou você em alguma zona de risco?* Rio de Janeiro, Seleções, p. 83-88.
- Holden, A. 2000. *Environment and tourism*. London: Routledge.
- Hvenegaard, G. T. 2010. Using tourist typologies for ecotourism research. *Journal of Ecotourism*, 1(1), 7-18.
- Kinker, Sônia. 2002. *Ecoturismo e Conservação da Natureza em Parques Nacionais*. Campinas, SP: Papirus.
- Kunchambo, V., & Little, V. 2022. Four ecotourism archetypes: expressing symbolic desires, *Journal of Ecotourism*, 5(1), 7-22.
- Leung, Y-F., Spenceley, A., Hvenegaard, G., & Buckley, R. (eds). 2019. *Turismo e gestão da visitação em áreas protegidas: diretrizes para a sustentabilidade*. Gland: IUCN.
- Laurance, W.F., Goosem, M., & Laurance, S.G. 2009. Impacts of roads and linear clearings on tropical forests. *Trends Ecology Evolution*, 24(12), 659-69.
- Lechner, L. 2006. *Planejamento, Implantação e Manejo de Trilhas em Unidades de Conservação*. Curitiba: Fundação Boticário de Proteção à Natureza.
- Lindberg, K., & Hawkins, D. E. (eds). 1999. *Ecoturismo: um guia para planejamento e gestão*. São Paulo: SENAC São Paulo.
- Lisboa, P. H. A. B. 2021. *Mapa das Unidades de Conservação de Ouro Preto*. Ouro Preto: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.
- Lohmann, G. et al. 2022. O Futuro do turismo no Brasil a partir da análise crítica do período 2000-2019. *Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo*, 16, e-2456.
- Lopes, G. G. & Correia, C. 2018. Gestão do turismo em parques nacionais: marketing online para a conservação do patrimônio natural brasileiro. São Paulo. Práticas de e-Turismo no Brasil.
- Loureiro, C. F. B., & Azazel, M. 2006. Áreas protegidas e “inclusão social”: problematização do paradigma analítico-linear e seu separatismo na gestão ambiental. In: M. A. Irving (org.). *Áreas protegidas e inclusão social: construindo novos significados*. Rio de Janeiro, Aquarius, p. 1-15.
- Machado, Simone Fernandes. 2013. *Caracterização dos visitantes e percepção de impacto ambiental em duas unidades de conservação de Ouro Preto - MG*. 2013. Monografia (Bacharelado em Turismo) - Universidade Federal de Ouro Preto.
- Machado, Simone Fernandes. 2019. *Caracterização de usuários de unidades de conservação*. Estudo de caso Parque das Andorinhas e Parque Horto dos Contos- em Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil. Ouro Preto, Novas Edições Acadêmicas.

- Machado, S. F., Monteiro, J. C. L. & Alves, K. S. 2013. Educação Ambiental como promotora de consciência ambiental na rede pública de ensino de Ouro Preto (MG). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 6(1), 233-254.
- Milano, M. S. 2000. Mitos no manejo de unidades de conservação no Brasil, ou a verdadeira ameaça. *Anais... II Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação*, p. 11-25.
- Martins, P. C. S., & Silva, C. A. 2018. Turismo de Natureza ou na Natureza ou Ecoturismo? Reflexões e contribuições sobre um tema em constante debate. *Revista Turismo em Análise*, 29(3), 487-505.
- Menegasso, Juliana Debiasi, Sutil, Thaise, Silva, José Gustavo Santos da, & Ladwig, Nilzo Ivo. 2021. Turismo em áreas protegidas e os impactos da Covid-19. In: T. Sutil, N. I. Ladwig, & J. G. S. Silva (org.). (2021). *Turismo em áreas protegidas*. Criciúma, SC: UNESCO, p. 14-33.
- MICT - Ministério da Indústria, Comércio e Turismo / MMA - Ministério do Meio Ambiente. 1994. *Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo*. Brasília, MICT/MMA.
- MTur - Ministério do Turismo. *Ecoturismo: orientações básicas*. Brasília, MTur.
- Murphy, P. 1985. *Tourism: a community approach*. Nova York: Methuen.
- OTMG - Observatório do Turismo de Minas Gerais. (2018). *Visitação em Parques Naturais*. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/?p=4570>.
- OTMG - Observatório do Turismo de Minas Gerais. 2019. *Visitação em Ouro Preto, MG*. Disponível em: <https://www.observatorioturismo.mg.gov.br/>.
- Ouro Preto. 1968. *Lei 305/68* - Cria o Parque Natural Municipal das Andorinhas. Ouro Preto.
- Ouro Preto. 2018. Plano de Manejo do Parque Natural Municipal das Andorinhas. Belo Horizonte. Disponível em: <https://parquedasandorinhas.ouropreto.mg.gov.br/plano-manejo/>.
- Oliveira, M. T. C. 2010. *Bonito para quem?* Um estudo sobre um destino turístico no Mato Grosso do Sul: situação atual e perspectivas, bonito, MS, Brasil. Disponível em: <http://www.observatorioturismo.ms.gov.br/wp-content/uploads/2018/07/2010-Bonitoparaquem.pdf>.
- Phillip Jr., A., Ruschmann, D. V. M. 2010. *Gestão ambiental e sustentabilidade no turismo*. Barueri, SP: Manole.
- PNAD. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*. 2019. Turismo. Brasília: IBGE. p.1-8. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101739_informativo.pdf.
- PNMA. *Parque das Andorinhas*. 2022. Disponível em: <https://parquedasandorinhas.ouropreto.mg.gov.br/>
- Raimundo, S., Sarti, A. C., & Pacheco, R. T. 2019. Interpretação do Patrimônio Natural para o Turismo: o caso do Parque da Ilha da Usina, Salto, São Paulo, Brasil. *Pasos, Revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, 17(4): 795-810.
- Rocha M. R., Rocha, T., Miceli, B. S., & Costa, P. M. M. 2019. Análise do perfil dos visitantes em uma Unidade de Conservação: o caso do Parque Nacional da Tijuca. *Research, Society and Development*, 8(2), 1-21.
- Rodrigues, A. B. 1997. *Turismo e Espaço: rumo a um conhecimento transdisciplinar*. São Paulo: Hucitec.
- Rodrigues, A. B. 2003. Ecoturismo: limites do eco e da ética. In: A. B. Rodrigues. *Ecoturismo no Brasil: possibilidades e limites*. São Paulo: Contexto, p. 29-45.
- Rosa, C. A., & Bager, A. 2013. Review of the factors underlying the mechanisms and effects of roads on vertebrates. *Oecologia Australis*, 17(1), 6-19.
- Ruschmann, Doris. 1997. *Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente*. Campinas, SP: Papirus.
- Santos, M. 1996. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo, Hucitec.
- Santos, M. 1997. Turismo e Lugar: microeconomia, novo planejamento. *Anais... I Encontro Nacional de Turismo com Base Local*, São Paulo.
- Sauer, C. O. 1998. A morfologia da paisagem. In: R. L. Corrêa, & Z. Rosendahl (orgs.) *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro, EDUERJ.
- Semma-OP - Secretaria Municipal de Meio Ambiente de Ouro Preto. 2015. *Relatório de visitação do Parque Natural Municipal das Andorinhas*. Ouro Preto (MG).
- Setic-OP - Secretaria Municipal de Turismo Indústria e Comércio. 2018. *Pesquisa Carnaval*. Ouro Preto, MG. Disponível em: https://turismo.ouropreto.mg.gov.br/static/semana-santa/Pesquisa_Carnaval_2018_divulgacao.pdf.
- Smith, V. L. 1989. *Hosts and guests: The anthropology of tourism*. Philadelphia, University of Pennsylvania Press.
- Sousa, A. R. P., Araújo, J. L. L., & Lopes, W. G. R. 2012. Percepção ambiental no turismo do Parque Ecológico Cachoeira do Urubu nos municípios de Esperantina e Batalha no Estado do Piauí. *RA'E GA*, 24, 69-91.

- Swarbrooke, J. 2000. *Turismo Sustentável: conceitos e impacto ambiental*. São Paulo: Aleph.
- Takahashi, Leide Yassuco. 2004. *Uso público em Unidades de conservação*. Curitiba: Fundação O Boticário de Proteção da Natureza.
- Unesco 1972. *Declaração de Estocolmo*. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Declaracao%20de%20Estocolmo%201972.pdf>>.
- Vaz, Gil Nuno. 1999. *Marketing Turístico: receptivo e emissor: um roteiro estratégico para projetos mercadológicos públicos e privados*. São Paulo: Pioneira.
- Vilani, R. M., Pena, R. C., & Simões, B. F. T. 2020. Ecoturismo no Pós-COVID-19 no Parque Nacional da Tijuca e Parque Estadual da Pedra Branca. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 13(4), 671-688.
- Young, C. E. F., & Spanholi, M. L. 2020. Unidades de conservação: patrimônio em risco. In: Covid-19, meio ambiente e políticas públicas. In: C. E. F. Young, J. F. C. M. Mathias (org.). *Covid-19, meio ambiente & políticas públicas*. São Paulo: Hucitec, p. 113-118.

Recibido: 18/01/2022
Reenviado: 08/06/2022
Aceptado: 22/09/2022
Sometido a evaluación por pares anónimos